

**ANDAM SUSSURRANDO EM VERSOS E TROVAS  
QUE EU TÔ ME GUARDANDO  
PARA QUANDO O CARNAVAL CHEGAR**

*Camila Leite Oliver Carneiro (UNEB)*  
[oliver.camila@gmail.com](mailto:oliver.camila@gmail.com)

**INTRODUÇÃO**

Muito já se tem trabalhado a partir das composições de Chico Buarque, porém, entendemos que a sua obra é inesgotável, pois a sua riqueza composicional nos traz sempre algo mais a discutir, a observar. Neste trabalho, abordaremos as músicas *Quando o carnaval chegar* (1972) e *O que será* (à flor da pele 1976) pelo prisma do nível discursivo da Semiótica Greimasiana.

Para isso, é necessário perceber que de início, e sempre do ponto de vista social, a música brasileira teve um desenvolvimento lógico, fácil de perceber: Primeiro Deus, depois o amor e em seguida a nacionalidade. Isso porque, a música brasileira nasce das necessidades do que viria a ser o nosso povo: Tínhamos os cantos dos rituais dos indígenas, os batuques dos africanos e as cantigas dos colonizadores europeus, cada um tentando, através do seu ritmo, afirmar-se e relembrar-se enquanto povo. Depois da necessidade de afirmar-se enquanto povo, cada um individualmente, nasce a necessidade de unir-se enquanto nação e, mais uma vez, a música mostra-se a mais coletivista das artes e, sendo assim, exige a coletividade para se realizar ao mesmo tempo em que está sujeita às condições dessa mesma coletividade. Essa música foi então uma força que cresceu de baixo para cima e viveu das próprias necessidades sociais.

Dessa maneira, a partir de 1964, com a Ditadura Militar instaurada no Brasil, impossibilitado de manifestar-se politicamente, Chico Buarque encontra na música a oportunidade de suprir essa necessidade. O compositor, ainda iniciante, passa a refletir esse contexto em suas músicas dessa época. Suas músicas passam a conter o desabafo, expressando o repúdio à falta de liberdade e a esperança de

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

uma revolução popular contra o regime ditatorial e de que o “dia”<sup>84</sup> da liberdade iria chegar. Para isso, Chico Buarque utiliza-se de temas e figuras, burlando a censura e construindo canções de protesto como forma de posicionamento político-social.

Vale ressaltar que a expressão canção de protesto deve ser vista aqui não como designando uma produção poética circunstancial típica, mas concordando Anazildo Vasconcelos da Silva, em que a obra lírica define-se como expressão subjetiva do eu lírico que integra, através da referencialidade sógnica, a proposição de realidade diante da qual o eu lírico reagiu. Dessa forma, em 1960, com a ditadura militar, o protesto era um recurso poético inerente à criação artística, não desaparecendo da produção poética da geração de 1960 com o fim do regime militar.

Dessa forma, Chico Buarque conta histórias cheias de figuras que atravessarão o tempo e serão sempre atuais, já que músicas como “O que será” (1976) podem ser lidas como um caso de amor ou como necessidade de resistência ao governo militar. Isso porque, para o poeta, a arte é coletiva e deve ser feita pelo povo e para o povo, como meio de integração do homem com o seu tempo. Dessa maneira, faz-se importante compreender: Como se configuram o tempo<sup>85</sup>, o tema, ou seja, a disseminação dos traços semânticos de forma abstrata e as figuras, os traços semânticos “sensoriais”, que culminam no efeito de concretização sensorial, nos poemas-canção de protesto e resistência compostos por Chico Buarque e que nos fazem atravessar os anos permanecendo importantes para o contínuo processo de libertação em que vive a nossa sociedade.

Assim, este trabalho se propõe a *analisar* os poemas-canções *Quando o carnaval chegar* (1972) e *O que será* (à flor da pele 1976)

---

<sup>84</sup> Expressão muito utilizada nas letras de Chico para expressar a esperança do renovo, do fim do regime militar.

<sup>85</sup> Trabalharemos aqui o tempo na perspectiva do nível discursivo da Semiótica Greimasiana, de acordo com o qual o tempo, o espaço e as pessoas presentes no discurso dependem dos dispositivos de desembreagem, que podem ser enunciativos (quando o efeito é de proximidade da enunciação com uso da primeira pessoa, o tempo é o presente e o espaço é o do aqui), ou enuncivos (quando produz efeito de distanciamento da enunciação, usa-se a terceira pessoa, tempo do então e o espaço do lá). Essas desembreagens serão abordadas a partir das marcas linguísticas presentes nas letras das músicas.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

a partir dos princípios da Semiótica Greimasiana, em seu nível discursivo, focando o tempo (*avaliar* como ele parece fazer-se sempre presente através da memória, do olhar e da espera cada vez que lemos as letras destas canções), os temas e as figuras, buscando *examinar* como esses recursos lingüísticos utilizados pelo compositor fizeram da sua música uma arte coletiva e o ajudaram a burlar a censura e operar um discurso de esperança de transformação política e social.

### ANÁLISE

Em muitas das composições de Chico Buarque, a música e o carnaval são apresentados como elementos de libertação, de catarse, de desregramento e harmonia ao mesmo tempo. Pois, nestas canções, Chico concretiza sua ideologia social, busca a negação da realidade a partir do encanto com a passagem do cortejo dionisíaco como um convite à desrepressão.

O carnaval transcende o tempo, leva-nos a uma outra realidade, ao lugar da utopia, onde a vida é plena e livre. Nas canções em que Chico Buarque traz a temática do carnaval, vive-se o momento do extraordinário, em que o tempo é suprimido e o que prevalece é o espaço utópico: a alegria carnavalesca, a harmonização da desigualdade e da comunhão universal.

Na composição *Quando o carnaval chegar* (1972), Chico nos apresenta o caráter transformador de liberação, de permissão. A cada atitude de conformismo do cotidiano repete-se: “Tou me guardando para quando o carnaval chegar”, o que reforça a idéia de mudança contida na ideologia carnavalesca.

Sobre essa composição, Calado (2004, p. 283) explana:

Na canção, os elementos que constituem a vida oficial podem ser inseridos em um campo semântico denominado de “Repressão”, os quais justificam as seguintes atitudes: “sempre parado”, “não posso falar”, “não posso pegar”, “há quanto tempo desejo”, “me ofende, humilhando, pisando”, “apanhando da vida”, “tanta alegria, adiada, abafada”. Tais elementos se contrapõe aos do campo semântico da “Permissão”, constituídos por elementos que sugerem ação, poder, realização dos desejos, com os verbos “revidar”, “cantar”, “gritar” e as frases inacabadas deixando subtender uma reação, como nos versos: “E quem me ofende, humilhando, pisando, pensando/ que eu vou aturar”.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

Através dessa oposição entre os campos semânticos “Repressão” X “Permissão” cria-se a relação “vida oficial” X “carnaval”, “repressão” X “permissão”. Não se podendo negar a dimensão política da composição, que reflete a insatisfação da sociedade, em particular do artista em face da ditadura militar.

Além dessa oposição entre os campos semânticos, analisando-a a partir no nível discursivo da Semiótica Greimasiana, podemos perceber os temas e as figuras que brotam desta letra. O tema do conformismo concretiza-se na figura de uma pessoa parada, distante, mas é justificado com a espera do carnaval, que trará liberdade de movimentação e aproximação, pois todo movimento contrário à “ordem” e toda reunião podiam ser mal vistos pelo governo naquele momento.

Quem me vê sempre parado, distante garante que eu não sei sambar  
Tô me guardando pra quando o carnaval chegar

Já o tema da censura aparece duas vezes nesta canção, uma na segunda e outra na última estrofe, figurativizado naquele que vê, sabe, sente, escuta, mas não pode falar e na alegria adiada, abafada, na vontade de gritar. Chico Buarque conheceu bem de perto esse “não poder falar”, essa “vontade de gritar”. Em 1968, o governo baixou o Ato Institucional nº 5, o qual foi um divisor de águas para Chico, que até então só tivera uma música censurada: *Tamandaré*, cuja letra afetava a marinha. No dia 20 de dezembro de 1968, Chico acordou com a polícia no seu quarto. Foi levado para o Dops e depois para o I Exército, onde passou o dia sendo interrogado. Depois do AI-5, a censura aumentou bastante e Chico foi chamado várias vezes a depor. Em 1969, Chico foi para a Itália ficar 10 dias fazendo shows e acabou sendo “convencido” a ficar 14 meses.

Eu tô só vendo, sabendo, sentindo, escutando e não posso falar  
Tô me guardando pra quando o carnaval chegar

...

Eu tenho tanta alegria, adiada, abafada, quem dera gritar  
Tô me guardando pra quando o carnaval chegar

O desejo reprimido é tema que se concretiza nas pernas de louça da moça e no beijo molhado de maracujá.

Eu vejo as pernas de louça da moça que passa e não posso pegar  
Tô me guardando pra quando o carnaval chegar

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

Há quanto tempo desejo seu beijo molhado de maracujá  
Tô me guardando pra quando o carnaval chegar

Os desmandos dos ditadores são figurativizados nas ofensas, na humilhação, no “apanhar da vida”.

E quem me ofende, humilhando, pisando, pensando que eu vou aturar  
Tô me guardando pra quando o carnaval chegar  
E quem me vê apanhando da vida duvida que eu vá revidar  
Tô me guardando pra quando o carnaval chegar

O tema da esperança é figurativizado na barra do dia surgindo, pedindo para cantar. A figura do dia nascendo é recorrente na obra de Chico Buarque no período da ditadura militar. O dia, ao nascer, traz a novidade de vida e a esperança de que algo novo e alegre venha acontecer.

Eu vejo a barra do dia surgindo, pedindo pra gente cantar  
Tô me guardando pra quando o carnaval chegar

Tendo sido composta em 1972, período da ditadura militar, *Quando o carnaval chegar* utiliza-se da figura do carnaval, tematizando sobre um tempo-espaco de liberdade e permissão para burlar a censura e conseguir aquilo que só parece possível quando é carnaval: desabafar. É por esse motivo, que o carnaval é essencial na vida da comunidade, para que, pelo menos, uma vez por ano ela possa manifestar-se livremente, possa desejar que a vida seja um eterno carnaval.

Para isso, Chico utiliza o tempo presente de um eu- aqui – agora, observado nos verbos: vê, garante, guardando, vendo, sabendo, sentindo, escutando, posso, desejo, ofende, apanhando, vejo, surgindo, tenho; e um futuro possível na esperança de um dia de alegria: “Tô me guardando para quando o carnaval chegar”.

Também tratando da liberdade, a composição *O que será* (1976) foi feita para o filme “Dona Flor e Seus Dois Maridos” de Bruno Barreto. Aqui há uma liberdade diferente daquela que é trazida pelo carnaval, não é uma liberdade no meio da rua, escancarada e fugaz de um único dia, mas é conquistada aos poucos nas tocas, nos becos, nos guetos. Não há ainda o grito, há o sussurro, a fala, o canto. Há um plano de conquista da liberdade, uma reação sendo organizada, que tem como figura o questionamento sobre tudo o que se fala, faz planeja:

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

O que será que será  
Que andam suspirando pelas alcovas  
Que andam sussurrando em versos e trovas  
Que andam combinando no breu das tocas  
Que anda nas cabeças, anda nas bocas  
Que andam acendendo velas nos becos  
Que estão falando alto pelos botecos  
Que gritam nos mercados, que com certeza  
Está na natureza, será que será  
O que não tem certeza, nem nunca terá  
O que não tem concerto, nem nunca terá  
O que não tem tamanho.

Além disso, observemos que essa liberdade é incerta, porém sem medida. E que todas as ações têm os seus sujeitos nas estrofes que seguem: São os amantes que suspiram nas alcovas, são os poetas que sussurram em versos e trovas, as meretrizes combinam no breu das tocas, as idéias andam nas cabeças e nas bocas dos infelizes, os mutilados acendem velas nos becos, os profetas embriagados falam alto pelos botecos e os bandidos, desvalidos gritam nos mercados. Estes que estão à margem da sociedade: meretrizes, infelizes, mutilados, embriagados, bandidos, desvalidos, figurativizam o tema da utopia, pois, de acordo com Meneses (2000, p. 126):

A grande utopia se realiza em todos aqueles que estão fora dos princípios da realidade, que habitam o mundo do princípio do prazer. Naqueles que contestam o poder, apontando as injustiças; e naqueles que sofrem as injustiças: a população dos guetos. Numa palavra: Na radicalidade dos subversivos.

Aqueles que habitam o mundo do princípio do prazer, contestando o poder, apontando e sofrendo as injustiças são listados por Chico Buarque neste trecho:

O que será que será  
Que vive nas ideias desses amantes  
Que cantam os poetas mais delirantes  
Que juram os profetas embriagados  
Que está na romaria dos mutilados  
Que está na fantasia dos infelizes  
Que está no dia a dia das meretrizes  
No plano dos bandidos, dos desvalidos  
Em todos os sentidos, será que será  
O que não tem decência, nem nunca terá  
O que não tem censura, nem nunca terá  
O que não faz sentido

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04***

Aqui, Chico tematiza a verdadeira liberdade, pois através da figura daquilo que não tem decência, nem nunca terá; que não tem censura, nem nunca terá e que não faz sentido, ele nos mostra que a liberdade não pode estar sujeita às leis da moral e dos costumes, não pode ser censurada, e é totalmente despida de sentido.

O tema da repressão tem a sua figura nos avisos que eram recebidos por todos aqueles que resolviam contestar, inclusive o próprio Chico. Essa contestação é figurativizada no riso que é ao mesmo tempo desafiador e libertador. Através do riso a comunidade desafia o poder vigente e liberta-se de toda a moral.

O tema da esperança está no repicar dos sinos. O tema da batalha, da luta, concretiza-se na figura dos hinos que as consagrarão. O mundo sem governo é figurativizado nos meninos desembestados, nos destinos que se encontram na falta de Deus, governo, vergonha e juízo, enfim, a liberdade não está submissa à fé, ao rei e nem à lei.

O que será que será  
Que todos os avisos não vão evitar  
Porque todos os risos vão desafiar  
Porque todos os sinos irão repicar  
Porque todos os hinos irão consagrar  
E todos os meninos vão desembestar  
E todos os destinos irão se encontrar  
E mesmo o Padre Eterno que nunca foi lá  
Olhando aquele inferno, vai abençoar  
O que não tem governo, nem nunca terá  
O que não tem vergonha, nem nunca terá  
O que não tem juízo

Por fim, bem como em *Quando o carnaval chegar*, temos também em *O que será* o tempo presente e futuro. O tempo presente está tanto no gerúndio (ação em acontecimento): suspirando, sussurrando, combinando, acendendo, como nos verbos vive, cantam, juram, está, tem. Já o futuro está na esperança de liberdade, no questionamento: “O que será que será”.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A música popular teve importante participação durante o período da ditadura militar no Brasil. A censura leva os artistas a realizarem protestos velados. Um dos artistas que conseguiu realizá-lo da forma mais brilhante foi Chico Buarque, pois suas músicas, de grande riqueza poética, são repletas de temas e figuras que buscavam burlar a censura e desafiar o regime militar.

As suas composições tematizam os desmandos do governo militar, o medo, a repressão, a censura, a injustiça, o tempo, os desejos reprimidos, entre outros, e trazem a esperança da liberdade, de que um novo “dia” irá surgir através de figuras poéticas que nos remetem ao amor, ao corpo, à festa, à alegria, enfim à vida.

É por esse motivo que se torna possível, através da Semiótica Greimasiana, apreender os valores sobre os quais ou para os quais os seus poemas-canções foram construídos no período da Ditadura Militar, observando o seu contexto sócio-histórico.

### REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário. *Aspectos da música brasileira*. Belo Horizonte/ Rio de Janeiro: Villa Rica, 1991.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. O contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2007.

CALADO, Luciana Eleonora de Freitas. Carnavalização no cancionário de Chico Buarque. **In.** FERNANDES, Rinaldo de.(org.). *Chico Buarque do Brasil: textos sobre as canções, o teatro e a ficção de um artista brasileiro*. Rio de Janeiro: Garamond: Fundação Biblioteca Nacional, 2004.

CESAR, Ligia Vieira. *Poesia e política nas canções de Bob Dylan e Chico Buarque*. São Paulo: Novera, 2007.

***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04***

FIORIM, José Luiz. *Elementos de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 1997.

HOLLANDA, C.B. *Chico Buarque essencial*. Sony&BMG, 2008. DVD. Acompanha material impresso.

MAGALHÃES, Antonio. *Deus no espelho das palavras: Teologia e Literatura em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2000. Coleção: Literatura e Religião.

MENESES, Adélia Bezerra de. *Desenho mágico: Poesia e política em Chico Buarque*. Cotia: Ateliê, 2000.

PERRONE, Charles A. *Letras e letras da música popular brasileira*. Trad. de José Luiz Paulo Machado. Rio de Janeiro: Elo, 1988.

ZAPPA, Regina. *Chico Buarque: para todos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Prefeitura, 1999.